

REGINALDO PRANDI

FELIZ ANIVERSÁRIO

Ilustrações de Rodrigo Rosa



Copyright do texto © 2010 by Reginaldo Prandi
Copyright das ilustrações © 2010 by Rodrigo Rosa

**Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.**

Composição
Geane Mantovani

Preparação
Renata Nakano

Revisão
Huendel Viana
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Prandi, Reginaldo
Feliz aniversário / Reginaldo Prandi ; ilustrações
de Rodrigo Rosa. — São Paulo : Companhia das
Letrinhas, 2010.

ISBN 978-85-7406-424-6

1. Literatura infantojuvenil I. Rosa, Rodrigo. II.
Título.

10-03008

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

SUMÁRIO

PRÓLOGO

A festa dos quatro, 7

CAPÍTULO 1

Tempo de aniversário, 11

CAPÍTULO 2

O aniversário do casarão, 21

CAPÍTULO 3

Num certo aniversário, 39

CAPÍTULO 4

Ladrão de aniversário, 57

CAPÍTULO 5

O presente da princesa, 67

CAPÍTULO 6

A menina que não podia apagar fogo, 83

CAPÍTULO 7

Os sapatos do menino, 99

CAPÍTULO 8

Aniversários demais, 125

EPÍLOGO

Quem roubou os doces?, 135

Nota do autor, 141

O autor e o ilustrador, 143

PRÓLOGO

A FESTA DOS QUATRO

Nada foi programado, mas aconteceu. Os quatro filhos de Paulo faziam aniversário no intervalo de cinco dias, um depois do outro. Aproveitavam para comemorar numa festa única. Reuniam os amigos dos quatro, cada um com sua própria lista de convidados.

Às vésperas do próximo aniversário, Francisco, o mais velho, a cada dia mais perto da adolescência, disse que não queria mais saber de festa de criança. Tanto insistiram que ele acabou concordando em participar, mas no ano seguinte iria pescar com seus amigos no dia da festa.

Todo ano, ao se aproximarem os aniversários de Francisco, Rita, Fernando e Luísa, tia Nená, que morava no interior, aparecia.

Ficava uns dias para fazer os doces e bolos e cuidar dos demais preparativos. Achava que, ao menos no aniversário, as crianças precisavam de uma mãe por perto. Imaginava-se uma segunda mãe dos sobrinhos, filhos de sua irmã Alice, que se fora muito cedo, sem que pudesse ver os filhos crescerem, criados pelo pai.

Tia Nená trazia seu rádio de pilha e seu gato, um siamês chamado Chim, e um monte de livros de receitas



culinárias. Os sobrinhos adoravam o gato e as receitas da tia. Nessas ocasiões, tia Nená passava as tardes na cozinha e a cada dia preparava um doce diferente, que era estocado na despensa. Depois de repousarem uma noite ou mais para ficarem bem sequinhos por fora, os doces de cada dia eram congelados até o dia da festa. Tia Nená também fazia pães e bolos para o café da manhã e tortas e salgados para o lanche. Era uma cozinheira de mão cheia.

Após o almoço, as crianças faziam o dever da escola e depois iam todos para a cozinha.

O gato se ajeitava no colo de alguém para iniciar sua tarde de sono. Tia Nená conferia em seus livros a receita do dia, tirava do armário formas e assadeiras, tigelas, colheres de pau, batedeira de bolo e outros utensílios, e um monte de ingredientes.

Tudo arrumado sobre a mesa da cozinha, ligava o rádio para ouvirem seu programa favorito. As crianças acompanhavam os movimentos da tia com o maior interesse, sabendo que, ao final, cada um teria o direito de experimentar o doce do dia e comprovar se a receita funcionara. Sempre funcionava, mas eles só podiam comer apenas um doce cada um. Só para provar.

As tardes eram animadas. As crianças faziam bonecos com as cascas dos ovos, se sujavam de farinha, lambiam os restos da massa de bolo no fundo das tigelas, empastelavam as roupas com açúcar batido na manteiga. Lambuzavam até os bigodes do gato. Chim acordava e se limpava com a pata, que lambia com o maior cuidado

antes de passá-la, vagarosamente e com prazer, no focinho. As crianças falavam pelos cotovelos, às vezes brigavam.

Tia Nená deixava, mas durante a transmissão pelo rádio do programa “Efemérides” exigia silêncio e atenção. Efeméride, ela explicara, era um fato importante ocorrido em determinada data, e também sua comemoração, que costumava ocorrer com festas periódicas.

O programa sempre apresentava as efemérides do dia, o apresentador narrava uma história que falava de um desses acontecimentos e lia lista de nomes de aniversariantes.

CAPÍTULO 1

TEMPO DE ANIVERSÁRIO

Naquela primeira tarde, o doce de tia Nená para o aniversário dos quatro foi o brigadeiro. Fácil de fazer e delicioso, não faltava nas festas das crianças. Era só cozinhar, em fogo médio, leite condensado com chocolate em pó com um pouquinho de manteiga, mexendo sempre com uma colher de pau. Depois que o doce soltava do fundo da panela, pequenas porções eram enroladas na palma das mãos, fazendo-se bolinhas, que eram passadas em confeitos de chocolate para recobrir. Cada brigadeiro era posto numa forminha de papel.

Coube a Francisco e Fernando desgrudar uma forminha da outra. Rita e Luísa preferiram ajudar a enrolar as bolinhas. Já estavam nessa etapa da receita quando o rádio anunciou “Efemérides”.

O apresentador explicou que reservara para aqueles dias histórias de aniversário, não histórias comuns, mas contos um tanto exagerados. A série sobre aniversário começaria a seguir.

Francisco achou o tema escolhido muito banal. Aniversários!, que coisa chata, torceu o nariz. Rita disse a Francisco que ele andava muito do contra e desenhou com o

dedo metido nas claras batidas em ponto de neve uma barba branca na cara dele. Luísa, a caçula, riu até ficar sem fôlego da barba do irmão mais velho. E tia Nená chamou a atenção para o fato de que Francisco estava crescendo depressa demais, como se fizesse aniversário todo dia.

Nem a barba nem nada, contudo, devolvia o bom humor a Francisco. Estava ali de má vontade, emburrado. Aniversário era coisa de criança, e ele já estava grande. Os sentimentos, portanto, eram contraditórios. Limpou a cara e reclamou:

— Pela primeira vez papai não está em nossa festa de aniversário.

— Mas ele vai chegar — retrucou Fernando, não muito seguro. — No dia da festa ele estará aqui, eu acho.

— Ele vem, sim — disse Luísa.

Paulo viajara a trabalho e Francisco usava a ausência do pai para justificar sua rebeldia.

— Vai chegar, é? Mas ele não está aqui agora — o menino insistiu.

— Tenha paciência com seu pai. Ele tinha que viajar — disse a tia. — E a festa de aniversário de vocês não é hoje nem será amanhã.

Francisco desconversou:

— Para mim tanto faz. Não estou mesmo nem aí para essa droga de aniversário.

Tia Nená, que preparava massa de pão, passou carinhosamente a mão na cabeça de Francisco. Os cabelos do menino ficaram brancos por causa da farinha.